

Apresentação: dossiê Os Sertões

No centenário de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, em 2002, o teatro Oficina de São Paulo dedicou todas as suas energias a processar este livro, ao mesmo tempo totem e tabu da cultura brasileira. Não foi a primeira vez que o Oficina debruçou-se sobre as páginas densas e áridas do livro. Como aponta Maria Thereza Vargas, em um dos ensaios deste dossiê, já em 1969, em *A Selva das Cidades*, o grupo liderado por José Celso Martinez Correa anunciava a disposição de enfrentar o desafio de *Os Sertões*. Não foi possível, na época, concretizar o projeto, mas veio *Gracias Señor*, verdadeira pedra de fundação da Uzyna Uzona e de todos os espetáculos que gerou. Nestes últimos 30 anos, muitas foram as vezes que as palavras de Euclides e a saga de Conselheiro voltaram a cruzar-se com os passos de José Celso e os caminhos do Oficina, sem nunca consumar-se uma montagem integral da obra.

Em 2000, premido pelas circunstâncias de um embate do tipo David contra Golias (a ameaça de um *shopping center* incorporado por um poderoso grupo econômico enlaçar a estreita caixa do teatro Oficina), José Celso decidiu retomar *Os Sertões* e iniciou um paciente processo de leitura detida, em que, ao lado do jovem coletivo que hoje integra o grupo, ia-se lendo cuidadosamente e parando-se a cada vez que uma palavra estranha surgia para consultar o dicionário. Como *Os Sertões* é um livro pródigo em palavras pouco conhecidas, a leitura era

truncada a cada frase, e vários meses foram necessários para que ela se cumprisse.

Esse trabalho silencioso preparou o terreno para as oficinas que se desenvolveriam no ano seguinte, e para uma primeira leitura pública no Festival de São José do Rio Preto, em julho de 2001. Num ano de muitas realizações de José Celso – a remontagem de quatro das principais encenações do Oficina na década de 1990 para gravação em DVD, e a montagem de *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, no Rio de Janeiro – o processo de gestação prosseguiu no trabalho diário do núcleo de atores criado nas oficinas. Finalmente, em 2002, a montagem do texto integral de *Os Sertões* tornou-se o projeto prioritário do grupo e passou a concentrar todas as atenções do encenador. Enquanto o coletivo do Oficina, dirigido por Marcelo Drummond, realizava novas oficinas na periferia de São Paulo, José Celso e dois colaboradores, Tomy Pietra e Flávio Rocha, iniciaram mais uma leitura do livro, desta vez para descobrir a estrutura dramática implícita ao texto e traçar as bases da dramaturgia. Rolos de papel *kraft* foram rabiscados com lápis de cor, demarcando as células de ação e constituindo o que os membros do grupo chamam de “os cadernos de direção”.

Para José Celso, a enésima leitura, desta vez com a preocupação objetiva de encenar o texto todo, revelou-se uma primeira leitura. Uma teatralidade latente na prosa elíptica de Euclides foi sendo desvendada, percebida na

coreografia das diversas missões militares que participaram do cerco a Canudos, nos gestos e movimento ágeis dos sertanejos, e até nas características dramáticas da vegetação e da paisagem da região de Canudos. É a riqueza desse processo criativo recente, alimentado por todos os processos anteriores e, agora, finalmente consumado numa dramaturgia e encenação de *Os Sertões*, que este dossiê pretende recolher e apresentar.

O primeiro ensaio do dossiê é o de Maria Thereza Vargas, em que são descritos alguns dos momentos cruciais no encontro do Oficina com *Os Sertões* e detalhada uma primeira encenação parcial, em 1989. Há, depois, uma entrevista com José Celso sobre o processo de transformação do livro em dramaturgia e as perspectivas da encenação, a essa altura já imaginada como sintetizando as três partes do livro e abdicando de uma versão integral. Segue-se um ensaio de Berthold Zilly, um dos tradutores de *Os Sertões* para o alemão, sobre os aspectos espetaculares da obra de Euclides da Cunha. Completa o dossiê um artigo de Oswald de Andrade, publicado em 1943, no Diário de S. Paulo, sobre *Os Sertões*, raríssimo achado de Catherine Hirsh,

uma das colaboradoras mais importantes do Teatro Oficina hoje, numa biblioteca pública de São Paulo. Ao que tudo indica, o artigo, em que Oswald exalta a grandeza da obra de Euclides da Cunha e compara a contribuição do escritor com a oferecida por Gilberto Freyre, estava perdido e não integrava o catálogo de textos conhecidos do escritor. No texto, publicado na coluna *Feira das Sextas*, Oswald ressalta ainda, profeticamente, o exemplo da “rocha viva” de Canudos contra a dominação que, em plena segunda guerra mundial, percebia que os Estados Unidos exerceriam nos futuros tempos de paz.

O encarte central, com as imagens de todo este complexo processo de criação, reúne fotos, cenas de vídeo e uma variada iconografia que contempla os diversos processos em que o Oficina confrontou *Os Sertões*, com destaque para os registros de ensaios, oficinas e apresentações parciais realizados nos últimos dois anos, e uma adaptação para quadrinhos do processo de 1989. Finalmente, integram o dossiê fragmentos da dramaturgia concretizada até setembro de 2002 e um mapa com as principais ocorrências de *Os Sertões* na história do Oficina.

